

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL**

SANDRA ROSANE DA SILVA RAMOS

**ENTRAVES PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO RURAL NA ROTA DA
CACHAÇA E DA RAPADURA EM SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA-RS**

**SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA - RS
2011**

SANDRA ROSANE DA SILVA RAMOS

**ENTRAVES PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO RURAL NA ROTA DA
CACHAÇA E DA RAPADURA EM SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA-RS.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Marcelino de Souza.

Coorientador: Andressa R. Teixeira.

SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA

2011

SANDRA ROSANE DA SILVA RAMOS

**ENTRAVES PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO RURAL NA ROTA DA
CACHAÇA E DA RAPADURA EM SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA- RS.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado em: Santo Antônio da Patrulha, RS, _____ de _____ de 2011.

Prof. Marcelino de Souza - Orientador
UFRGS

Prof. Marlise Dal Forno
UFRGS

Prof. Elvis Albert Robe Wandscheer
UFRGS

Dedico este trabalho às pessoas essenciais em minha vida, ao meu pai, à minha mãe e ao meu filho, pelo forte apoio e carinho dispensados ao longo desta caminhada. Dedico também a todas as pessoas que me auxiliaram na conquista desta vitória.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela força interior e pela luz que sempre me concedeu; aos meus queridos pais, exemplos de vida e dedicação, à UFRGS, pela preparação e seriedade, aos professores, pelos seus inestimáveis conhecimentos e preciosos ensinamentos, aos meus colegas e amigos conquistados ao longo desta etapa. Agradeço, em especial, a meu orientador, Professor Marcelino de Souza, e a minha tutora Andressa Ramos Teixeira, pela dedicação, disposição, companheirismo e competência com que me orientaram neste trabalho.

Agradeço também, as tutoras presenciais Sônia Dalmar e Teresinha Oliveira, pelo apoio recebido e o tempo dispensado a mim, durante todo o curso e a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho busca compreender os entraves para o desenvolvimento do turismo rural, na Rota da Cachaça e da Rapadura, na Cidade de Santo Antônio da Patrulha, RS. Para a realização deste estudo, utilizou-se uma pesquisa descritiva, de caráter qualitativo, na qual foram realizadas entrevistas com os empreendedores do roteiro, que conta num total de catorze estabelecimentos e propriedades. Os resultados apurados demonstram que a construção da rota seguiu todas as etapas condizentes na sua elaboração. Porém, o desenvolvimento do turismo rural não deslançou conforme esperado, levando, após um ano de sua criação, a estagnação e até o término da maioria do roteiro devido à baixa comercialização dos produtos da rota, a falta de perfil empreendedor, falta de gestão e interesse administrativo pela rota, e a não identificação da cultura local na absorção ao turismo. A análise do estudo permitiu concluir que um replanejamento do roteiro e um novo plano de ação poderá reativar a Rota da Cachaça e Rapadura, contribuindo assim para o desenvolvimento sócio econômico local.

Palavras-chave: Turismo Rural. Desenvolvimento Local. Rota da Cachaça e Rapadura. Entraves para o desenvolvimento.

ABSTRACT

The present working seeks to understand the obstacles to the development of the rural tourism in the Route of Cachaça and Crew in the city of Santo Antonio da Patrulha. For this study, was used a descriptive, of qualitative character, in which interviews were conducted with the entrepreneurs in the roadmap. The results obtained show that the construction of the route followed all the steps consistent in its preparation. But the development of rural tourism did not take off as expected, leading, after a year of its creation, stagnant and even the end of most of the route because to Low marketing of the products of the the route, lack of entrepreneurial profile, lack of management and interest by the administrative route, and a no identification on the absorption of local culture tourism. The study's analysis concluded that a redesign of the script and a new plan of action could revive the Route Cachaça and Crew, thus contributing to the socioeconomic development location.

Key-Words: Culture Tourism. Development Location. Route of Cachaça and Crew. Obstacles to the Development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Logo da rota da cachaça e da rapadura	21
Figura 2 – Ilustração do roteiro turístico	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O TURISMO RURAL	12
	2.1 TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	13
	2.2 PLANEJAMENTO PARA O TURISMO RURAL.....	15
3	METODOLOGIA	18
4	A CONSTITUIÇÃO DA ROTA DA CACHAÇA E RAPADURA, EM SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA	20
	4.1 ASPECTOS SOBRE O MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA.....	20
	4.2 A ROTA DA CACHAÇA E DA RAPADURA E SEU ROTEIRO TURÍSTICO	21
5	ENTRAVES PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO RURAL NA ROTA DA CACHAÇA E RAPADURA E AS POSSÍVEIS SOLUÇÕES	29
	5.1 POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA OS ENTRAVES	36
6	CONCLUSÃO	39
	REFERÊNCIAS	42
	ANEXOS	44

1. INTRODUÇÃO

O turismo é um ramo de atividade socioeconômico que tem por objetivo atrair pessoas através da divulgação de atrativos e produtos específicos de determinadas regiões, o que, conseqüentemente, gera a movimentação da economia, fomentando o desenvolvimento social local.

Como se trata de um ramo de atividade amplo, o turismo apresenta tipologias determinadas, dentre as quais cabe destacar o turismo no espaço rural, cujo crescimento da atividade vem contribuindo para constituir os fatores de desenvolvimento sócio econômico local.

Neste sentido, Graziano da Silva (1998) afirma que o turismo, especificamente no que se refere ao meio rural, tem um papel de grande relevância no tocante a gestão do território, devido a sua potencialidade de estimular o aproveitamento da capacidade de desenvolvimento endógeno¹ de um dado local.

Um dos segmentos do turismo no espaço rural conceitua-se como turismo rural, propriamente dito, que corresponde ao turismo vinculado ao meio onde ocorre, com características próprias desse meio, inclusive com atividades características da região. Para uma melhor elucidação sobre o conceito de turismo no espaço rural ou em áreas rurais cabe recorrer à contribuição de Graziano da Silva (1998), que o define como:

(...) todas as atividades praticadas no meio não urbano, que consiste de atividades de lazer no meio rural em várias modalidades definidas com base na oferta: turismo rural, agroturismo, turismo ecológico ou ecoturismo, turismo de aventura, turismo de negócios, turismo de saúde, turismo cultural, turismo esportivo, atividades estas que se complementam ou não. (Graziano da SILVA et al., 1998 p.14)

No Brasil, as primeiras experiências de turismo Rural deram-se no ano de 1984 na cidade de Lajes, SC, quando da percepção do fluxo de viagens que as pessoas faziam para se deslocar entre cidades e interior, e que nesse contexto poderiam ter uma intervenção turística, como forma de diversificação das atividades agropecuárias das propriedades rurais, trazendo agregação de uma nova renda.

No panorama mundial, o Turismo Rural teve iniciativa no ano de 1950 nos

¹ Considera-se Desenvolvimento endógeno o desenvolvimento das forças locais de um território.

Estados Unidos e Europa com expectativas de movimentação da economia rural.

Assim, o turismo rural mostra-se como um vetor de desenvolvimento para algumas áreas. Entretanto, para que esse tipo de turismo possa, de fato, constituir-se em um fator de desenvolvimento, são necessárias ações de estruturação e caracterização de forma ordenada. Conforme preconiza as Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil (2003). Para tanto, se mostra à importância da otimização das ações de modo a consolidar o turismo rural como uma ferramenta de desenvolvimento sócio econômico local.

O turismo, quando planejado, é uma atividade democrática, pois beneficia tanto o grande empresário quanto vendedor ambulante, traz benefícios econômicos a localidade, gera melhoria da qualidade de vida da população, resgata a cultura local, preserva os patrimônios locais, aumenta a oferta de empregos, incentiva a produção de outros setores. Para isso é necessário que o turismo aconteça partindo de um planejamento prévio, buscando o desenvolvimento sustentável e a participação da comunidade que será envolvida no processo. (VIEIRA, 2004, p.2)

Portanto, é possível observar que há a necessidade de um agente gestor do turismo nas localidades, aqui especificamente com o enfoque para o turismo nas áreas rurais, que deverá ter a função de articular e gerir medidas para o adequado desenvolvimento turístico. Nesse sentido, o articulador deverá ser o gestor público, por meio do competente órgão, em parceria com demais entidades ligadas à área turística, envolvendo a comunidade local e proporcionando seu desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo geral analisar uma questão, ainda não avaliada em Santo Antônio da Patrulha, no que se refere à existência de possíveis entraves para o adequado desenvolvimento do Turismo Rural na Rota da Cachaça e da Rapadura, no Município de Santo Antônio da Patrulha/RS, abordados sob a ótica dos empreendedores que constituem a Rota. Como objetivos específicos, descrever os empreendimentos que constituem a rota e, apontar os entraves percebidos. Essa análise será uma reflexão e uma verificação do nosso aprendizado durante o curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Para tanto, no primeiro capítulo serão abordadas as questões relativas à conceituação de turismo rural e suas formas de desenvolvimento.

Já no segundo capítulo, será apresentada a constituição da Rota da

Cachaça e da Rapadura, de Santo Antônio da Patrulha, desde sua origem até a atualidade. Por fim, no último capítulo serão elencados e classificados os entraves encontrados no roteiro estudado, apontando possíveis soluções.

2. TURISMO RURAL

O turismo, em linhas mais gerais, pode ser considerado como um amplo ramo de atividade, cujo objetivo genérico consiste no fluxo de pessoas que são atraídas por atrativos de determinadas regiões, o que, por sua vez, promove a movimentação da economia, bem como o desenvolvimento de toda a sociedade ao entorno.

Devido à amplitude e peculiaridades do ramo turístico, foi classificado segundo determinadas tipologias, dentre as quais será objeto do presente capítulo o turismo rural, cujo crescimento da atividade vem contribuindo como fator de desenvolvimento sócio-econômico local.

Nesse sentido, cabe recorrer à conceituação de Turismo Rural adotada pelo Ministério do Turismo, tendo por fundamento aspectos que se referem ao turismo, ao território, à base econômica, aos recursos naturais e culturais e à sociedade. Com base nesses aspectos, define-se que:

Turismo Rural é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2003, p.11)

Com base nessa definição, podemos concluir que o turismo rural promove a valorização do ambiente, pois enfatiza a diversidade cultural e natural da localidade onde se desenvolve, promovendo, por conseguinte, a preservação do meio ambiente regional, pois este é uma das fontes para o desenvolvimento desse turismo.

Também como forma de contribuição à caracterização do Turismo Rural, a Carta de Joinville (2004), discutida durante o IV Congresso Internacional de Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável, exprime o seguinte:

Turismo Rural é aquele que, do ponto de vista geográfico, acontece no espaço rural; do ponto de vista antropológico, oferece ao visitante a possibilidade de vivências da cultura rural; do ponto de vista socioeconômico, representa um complemento às atividades agropecuárias e, finalmente, do ponto de vista do imaginário, atende as expectativas de evasão da rotina urbana e de realizar outras experiências de vida. Ou seja, em suma: Turismo Rural é atividade realizada no meio rural apropriada por atores de cultura local rural e estimulada por um fluxo de pessoas que

desejam a contemplação dos significados da sociedade local e seu entorno natural, com retorno para a economia regional. (CARTA DE JOINVILE apud ALMEIDA & SOUZA, 2006, p. 21).

Assim, é possível observar as diversas variáveis que envolvem o turismo rural, que vão desde a geografia e da população da região, até as expectativas dos turistas que buscam esse tipo de atividade, o que, conseqüentemente, leva ao desenvolvimento econômico regional.

Considerando o turismo rural como fator de desenvolvimento sócio-econômico, vamos refletir, agora, como se processa desenvolvimento local baseado nesses aspectos.

2.1 Turismo rural e desenvolvimento local

O crescimento da atividade turística, segundo as *Orientações Básicas* (2008), do Ministério do Turismo, promove a dinamização social e econômica de inúmeros territórios rurais. Desse modo, a geração de novos empregos, a possibilidade de agregar valor aos produtos e serviços desenvolvidos nas propriedades e empreendimentos rurais, a valorização da cultura e da história das regiões têm sido fatores decisivos para o fortalecimento do Turismo Rural. Mas, para que isso ocorra:

É importante ressaltar que é necessário trabalhar com motivação e envolvimento da comunidade, a fim de sensibilizá-la sobre os benefícios do turismo rural. Sendo assim, para que uma propriedade participe do processo de desenvolvimento turístico é importante que os responsáveis estejam de acordo com as diretrizes do processo e com as ações necessárias para o seu desenvolvimento. (UDENAI; NOVAES; LAVRATTI, 2006, p. 206).

Segundo Zimmermann (1996), por se tratar de um produto diferenciado dos tradicionais é essencial, quando da avaliação de uma propriedade rural com a finalidade de adaptação para o Turismo Rural, respeitar cinco princípios básicos: identidade própria, autenticidade, harmonia ambiental, preservação das raízes e divulgação dos costumes. Afinal, quando há intenção de desenvolver turismo em áreas rurais haverá uma intervenção na estrutura social já constituída, sendo necessário respeitar essa estrutura, sob seus diversos aspectos constitutivos.

Seguindo com base nos estudos de Zimmermann (1996), é importante relacionar os princípios do desenvolvimento turístico sustentável:

Sustentabilidade ecológica: Assegura que o desenvolvimento é compatível com a manutenção dos processos ecológicos essenciais, diversidade biológica e recursos biológicos. - **Sustentabilidade social e cultural:** Assegura que o desenvolvimento e o controle das pessoas sobre suas próprias vidas é compatível com a cultura e os valores das pessoas atingidas pelo desenvolvimento, aumentando e fortalecendo a identidade da comunidade.- **Sustentabilidade econômica:**Assegura que o desenvolvimento é economicamente eficiente e que os recursos são geridos de forma que suportem gerações futuras. (ZIMMERMANN, 1996, p. 17).

Cabe destacar, retomando os apontamentos de Zimmermann (1996), que um dos aspectos do desenvolvimento do turismo rural é a qualificação profissional exigida para o trabalho no setor, que promove a busca por conhecimento pelas pessoas envolvidas, que residem nas áreas rurais, gerando, também, o crescimento intelectual das pessoas e conhecimento através da troca de experiências.

Para o Ministério do Turismo (2006), é importante destacar que o turismo rural, apesar da capacidade de gerar emprego, ocupação e renda, também pode ser um ramo seletivo, logo, não pode ser considerado como única forma de reerguer comunidades rurais. Afinal, o empreendimento turístico pode não envolver todas as famílias ou unidades produtivas das áreas onde ocorre, pois requer investimentos e diversas formas de atrativos, nas rotas de produção. Assim, o turismo rural deve ser encarado sob dois aspectos: como meio de emprego e fomento a renda e como forma de diversificar a economia local.

Ainda tomando por base os estudos de Zimmermann (1996), é imprescindível mencionar os insumos ou fatores que formam o denominado *produto turístico*², que é o responsável pela capacidade da região em atrair e manter os visitantes de fora, ou seja, são todos os componentes do produto turístico ofertado: hospedagem, paisagem, clima, informação, passeios, gastronomia, estrutura de lazer e compras, arte, cultura, história, eventos diversos, competições esportivas, festivais musicais, entre outros.

Corroborando para ressaltar a importância do Turismo Rural, as *Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural* destacam a revitalização econômica e social das áreas rurais, bem como a valorização dos patrimônios e produtos locais,

² Considera-se como sendo produto turístico o conjunto de atrativos, equipamentos e serviços turísticos, acrescidos de facilidades, ofertado de forma organizada por um determinado preço.

além do relevante papel na conservação do meio ambiente e na gestão da diversidade das paisagens.

Nesse sentido, cabe ressaltar a importância que o desenvolvimento da atividade turística rural traz as localidades em que for inserido, quando bem sucedido. Para tanto se recorreu às contribuições do Manual Didático, do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural, citado por Favero (2010):

Revitalização de regiões adormecidas; Fixação do homem no campo; Valorização e resgate da cultura Local; Preservação do patrimônio arquitetônico e do meio ambiente; Recomposição das áreas degradadas; Melhoria nas condições de vida da população local; Melhoria da formação educacional do homem do campo; Geração de empregos; Melhoria da situação da mulher; Valorização dos produtos locais; Promover um estreitamento nas relações estabelecidas entre o campo e a cidade; Aumento das receitas nos municípios. (FAVERO apud SOUZA & KLEIN, 2010, p.2).

Porém, apesar do turismo rural se constituir como uma estratégia de desenvolvimento para os meios rurais é necessário certo cuidado, pois a atividade pode ocasionar impactos negativos a longo prazo, como degradação ambiental, conflitos sociais, e conseqüente diminuição da demanda, terminando por degradar os recursos culturais e naturais.

Colaborando nesse sentido, ainda segundo Manual Didático do Curso de Planejamento e Gestão Rural, onde dispõem que cada vez mais se reconhece que para um bem sucedido desenvolvimento do turismo, deve-se alcançar e sustentar os pilares socioculturais, ambiental, bem como o ambiente natural e as edificações da comunidade, para que os impactos da atividade turística no meio rural, não tragam efeitos contrários aos esperados para o desenvolvimento da comunidade local.

De acordo com o exposto, deve-se levar em consideração que o desenvolvimento do turismo rural traz benefícios às comunidades rurais, mas que é preciso estar ciente do que significa a atrelação da atividade turística no meio rural. Enquanto para algumas áreas poderá ser a ascensão econômica, para outras poderá não se dar o mesmo nível de desenvolvimento e haver um rompimento da atividade, não alcançando o esperado pelos empreendedores.

2.2 Planejamento para o turismo rural

Inicialmente cabe ratificar que o turismo rural promove o desenvolvimento local, porém, para que atinja seus fins, como em toda a atividade deve ser segundo Vieira (2004), precedido de planejamento, para atingir o desenvolvimento sustentável, bem como para que ocorra a participação da comunidade a ser envolvida no processo.

Conforme as *Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural*, para que ocorra o desenvolvimento local, determinado pelo processo de construção social, através do turismo, faz-se necessário promover ações de estruturação e caracterização para que esse desenvolvimento não ocorra desordenadamente, sem que infra-estrutura e demais serviços acompanhem o crescimento local.

(...) O turismo quando desenvolvido de forma planejada e sustentada contribui efetivamente para o desenvolvimento de uma região e a sua comunidade, tornando-se um dos vetores do desenvolvimento local, porque oferece oportunidade de emprego e renda para muitas famílias, criando um ambiente de qualidade para as pessoas que ali vivem e trabalham. (JÚNIOR; NITSCHKE; SZCHUMAN, 2006, pág.197).

No mesmo enfoque, cabe recorrer aos escritos de Zimmermann (1996), os quais enfatizam que o turismo rural, desde que seriamente planejado, pode proporcionar inúmeros benefícios para a população. Dentre eles cabe destacar a diminuição do êxodo rural, a possibilidade de novas formas de renda, além da troca cultural, entre diversos outros.

A partir dessa perspectiva, segundo o Ministério do Turismo, pode-se afirmar que o desenvolvimento do Turismo Rural deve ser: “De iniciativa local; de gestão local; de impacto local; marcado pelas paisagens locais; valorizador da cultura local. (BRASIL, 2008, p.35)”.

Pelo exposto, pode-se considerar a necessidade de um agente gestor do turismo nas áreas rurais que deverá planejar articular e gerir medidas para o adequado desenvolvimento turístico. Nesse contexto, é possível considerar que tal papel cabe ao gestor público, por meio dos competentes órgãos, nas esferas Municipais, Estaduais e Federais.

Ainda no que se refere ao planejamento e gestão do turismo rural, o gestor deste deverá promover parcerias com demais entidades ligadas à área turística, para o desenvolvimento adequado da atividade, bem como, concomitantemente, envolver a comunidade local, preparando-a para o trabalho com turismo, com vistas

a proporcionar o desenvolvimento sustentável da localidade envolvida.

Para tanto, conforme o Manual Didático do Curso de Planejamento e Gestão Rural, inicialmente, é imprescindível a identificação da comunidade onde se pretende trabalhar, por meio do conhecimento de seus valores, de forma a incorporá-los, desde o início, como base para a estrutura do processo de planejamento. Como é na comunidade rural que o turismo rural se desenvolve, a minuciosa identificação desta é primordial e essencial para que se possa pensar no desenvolvimento da atividade, pois é impossível este ocorrer, sem que haja o conhecimento da realidade regional.

Ainda seguindo os mesmos estudos, aponta-se, na fase de otimização da etapa do planejamento, no contexto do desenvolvimento do turismo rural, fatores organizacionais, físicos e planejamento de marketing deveriam idealmente incorporar 10 atividades de planejamento as quais incluem:

(1) reunir informações; (2) identificar valores das comunidades; (3) desenvolver uma visão; (4) identificar preocupações e oportunidades críticas; (5) formular uma missão; (6) desenvolver metas; (7) desenvolver objetivos; (8) delinear ações e consolidar as estratégias; (9) avaliar o progresso, e (10) atualizar e modificar o plano. (LONG & NUCKOLLS apud SOUZA & KLEIN, 2010, p.8).

Faz-se necessário também estar atento para os aspectos que envolvem a dinamização do turismo rural: organização, administração, marketing e economia. Aspectos esses que devem ser pensados e discutidos desde a etapa do planejamento. Logo, é possível considerar que estabelecer estratégias de planejamento e gestão leva, por conseqüência, ao desenvolvimento, aqui considerando o desenvolvimento turístico rural, de forma adequada à situação local.

O planejamento do Turismo Rural deve ser desenvolvido, sempre, com base local, valorizando as características e necessidades das comunidades autóctones e do território, de forma integrada e participativa. Deve contar com o suporte de profissionais que possuam conhecimento técnico e experiência sobre o assunto, visando diminuir as possibilidades de insucesso. (BRASIL, 2003, p.29).

Constata-se, assim, a impossibilidade em separar a tríade planejamento³, gestão e desenvolvimento.

³ Considera-se como sendo planejamento um processo dinâmico e adaptável, dirigido para guiar decisões e ações futuras.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Rota da Cachaça e Rapadura, no município de Santo Antônio da Patrulha - RS. O município localiza-se na Região Metropolitana do Rio Grande do Sul, a 80 km de Porto Alegre e 35 km de Osório, e é um dos quatro primeiros municípios formados no Rio Grande do Sul.

O município ocupa uma posição estratégica para o desenvolvimento do turismo rural, entre a serra, o litoral e a capital do estado do RS, principalmente, por sua potencialidade associada à cadeia produtiva de cana de açúcar e suas belas paisagens.

As características locais ligados a antigos engenhos de boi onde se produzia derivados de cana de açúcar, juntamente com a cultura histórica de um dos mais antigos municípios e um dos primeiros a cultivar a cana de açúcar no RS, cultura essa trazida pelos açorianos, e que até hoje mantém a tradição dos engenhos rudimentares de geração em geração, deu ao município a vocação para o turismo rural através da criação da Rota da Cachaça e Rapadura.

Diante desse cenário realizou-se o presente estudo.

Para a realização desta monografia, foi realizada uma pesquisa qualitativa, visando buscar a compreensão dos elementos pesquisados, o que vai ao encontro da definição de pesquisa qualitativa apontada por Gerhardt & Silveira (2009), que a define como: “A **pesquisa qualitativa** não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. (GOLDENBERG apud GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 31)”.

Para tanto, será necessário descrever e explicar os objetos de pesquisa, para que os mesmos sejam compreendidos da forma mais clara e precisa possível. Nesse sentido as mesmas autoras nos dizem que:

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de *descrever*, *compreender*, *explicar*, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo

único de pesquisa para todas as ciências. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32).

Quanto ao caráter da pesquisa, pode ser classificada como descritiva, pois se pretendeu descrever, como enfoque principal, os entraves para o desenvolvimento da Rota Turística da Cachaça e Rapadura, de Santo Antônio da Patrulha, RS. Para tanto, conforme preceituam Gerhardt e Silveira (2009), o investigador deverá recorrer a diversas informações sobre o que pretende pesquisar.

Para o desenvolvimento da presente monografia seguiu-se duas etapas: a primeira com pesquisas bibliográficas, que consistiu na consulta a diversas fontes bibliográficas, livros e artigos científicos, referente a turismo rural, planejamento, desenvolvimento local e, dados sobre o município de Santo Antônio da Patrulha, e, a segunda, com a coleta de dados, por meio da entrevista semi-estruturada, que é organizada através de perguntas abertas e fechadas, sendo utilizados, como instrumentos acessórios, a câmara fotográfica e o bloco de anotações.

A coleta de dados ocorreu nos dias 11 e 12 de janeiro de 2011 com empreendedores da Rota. Posteriormente, no dia 18 de janeiro de 2011, visitou-se a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, com a finalidade de buscar mais informações,

Para a aplicação do instrumento de coleta de dados, utilizou-se de uma amostra intencional não-probabilística. Segundo Almeida (1989, p.87), “a amostra intencional, consiste em selecionar um grupo de elementos considerados típicos em função das variáveis estudadas”.

4. A CONSTITUIÇÃO DA ROTA DA CACHAÇA E RAPADURA, EM SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA

4.1 Aspectos sobre o município de Santo Antônio da Patrulha

A cidade de Santo Antônio da Patrulha foi instalada como tal no ano de 1725, por meio da criação de uma capela em homenagem a Santo Antônio. Porém, o povoado iniciou de fato, somente quinze anos mais tarde, fundada por índios e açorianos em torno da capela.

De acordo com dados obtidos do *site Oficial da Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Patrulha*⁴, no ano de 1760 foi inaugurada uma capela, em torno da qual se organizou a estrutura social e administrativa do povoado, formando um centro de referência para toda a região do Litoral Norte, bem como para parte da Serra gaúcha. O Município cresceu e, em 1809, quando da divisão do Estado do Rio Grande do Sul, configurou como um dos quatro primeiros municípios formadores desse Estado, que atualmente faz divisa com os municípios de Rolante, Riozinho, Caraá, Osório, Capivari do Sul, Viamão, Glorinha e Taquara.

Como o clima e o relevo do município Santo Antônio da Patrulha são adequados para cultivar cana-de-açúcar, esta foi a cultura implantada pelos primeiros portugueses que aqui se instalaram, no ano de 1770. Na época, foram construídos os primeiros engenhos para beneficiamento da cana, com utilização de trabalho escravo, juntas de bois e, tardiamente, com o uso de diesel e energia elétrica.

Assim, o cultivo da cana ao longo de anos, foi a principal fonte economia do município. Famílias inteiras participavam do processo do cultivo, até a transformação da cana-de-açúcar, nos engenhos e alambiques rústicos na zona rural de Santo Antonio da Patrulha uma tradição passada de geração a geração, durante longo período o que constituiu o ciclo da cana-de-açúcar, com mais de seis mil hectares de produção.

⁴ Site da Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Patrulha

4.2 A Rota da Cachaça e da Rapadura e seu roteiro turístico



Figura 1 – Logo da rota da cachaça e da rapadura

Fonte: Material produzido pela Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Patrulha

Considerando que historicamente o município tem ligação com o cultivo da cana-de-açúcar e seus derivados, especialmente com tradicional produção da cachaça, em alambiques, foi instituída, no ano de 2001, segundo dados do site oficial da Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Patrulha, a *Rota*⁵ da Cachaça e Rapadura, implantada por meio e parceria entre o SEBRAE⁶, através do *Programa*

⁵ Considera-se, neste trabalho, rota como sendo: Percurso continuado e delimitado cuja identidade é reforçada ou atribuída pela utilização turística.

⁶ SEBRAE: Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas.

*Regional de Turismo Organizado (PRESTO)*⁷, com a Prefeitura Municipal, empreendedores locais e a comunidade. A Rota Turística envolveu 9 (nove) alambiques e 4 (quatro) indústrias de rapaduras, localizadas na zona rural do município, nas localidades de Montenegro e Palmeira do Sertão e Costa da Miraguaia.

A instituição da Rota teve por objetivo o resgate da história de Santo Antônio da Patrulha, como já mencionado no item anterior, que é um dos 4 (quatro) municípios formadores do Estado do Rio Grande do Sul, dos quais se originaram os demais, ao longo do tempo.

Sua organização levou aproximadamente um ano. O trabalho iniciou com levantamentos realizados pelo SEBRAE, conjuntamente com a EMATER⁸ e a Prefeitura Municipal, por meio das Secretarias das Obras, Agricultura e Cultura, para identificar os participantes, no traçado do roteiro, bem como para promover a qualificação dos empreendedores. Ademais, foram realizadas a divulgação e a sinalização turística dos locais.

Portanto, os empreendedores envolvidos foram especificamente preparados para o recebimento de turistas, por meio de cursos de capacitação, com enfoque para recepção de visitantes, atendimento ao público, bem como para o preparo de diversos produtos caseiros e coloniais, com a devida qualidade.

Os empreendedores foram orientados, na qualificação, a contarem sua própria história, durante as visitas, relatando como ocorreu a abertura do negócio, que geralmente é familiar e passa de geração para geração. Além disso, explanam sobre o modo de preparo de uma boa cachaça e rapadura, relatam segredos, lendas e superstições, bem como elucidam a forma simples de vida de toda a comunidade local.

O lançamento da rota ocorreu no mês de agosto de 2003, durante a então Festa Nacional da Cachaça e da Rapadura, com ampla divulgação e grande sucesso inicial, com muita visitação. A divulgação também ocorreu em outros eventos e na mídia em geral.

O Roteiro⁹, que tem início na Rodovia RS 030, começa com a Rota da

⁷ PRESTO: Programa que organiza e estrutura o turismo segundo a característica de cada região.

⁸ EMATER: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

⁹ Considera-se roteiro como sendo: o itinerário caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística.

Cachaça, que passa pela localidade de Montenegro, Palmeira do Sertão e pelo bairro Lomba da Páscoa, no 1º Distrito de Santo Antônio da Patrulha, totalizando um percurso de 26 km de extensão. Já a Rota da Rapadura envolve o 2º Distrito do Município, com as localidades de Passo das Moças, Costa da Miraguaia e Roça Grande, totalizando um percurso de 40 km.

Tomando como referência os dados obtidos do Catálogo de Divulgação Turística produzido pela Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Patrulha, seguem descritos, na ordem de visitação, os empreendimentos constitutivos da Rota da Cachaça e da Rapadura, os quais se prepararam para receber turistas, visando à divulgação dos produtos e o desenvolvimento econômico.

Roteiro da Cachaça:

4.2.1 Alambique Lagoa dos Barros

A produção de Cachaça artesanal ocorre desde o ano de 1973. A partir de 1993 passou a ter produção de cachaça diferenciada, com estrutura e equipamentos adequados ao novo estilo do produto, sem perder a qualidade e a identidade. Os visitantes podem degustar e acompanhar a produção da cachaça.

4.2.2 Alambique Floriano

Este empreendimento foi passado de geração em geração. Está a aproximadamente 200 anos na cultura da cana-de-açúcar e na produção de derivados, sendo privilegiado pela uma linda vista da Lagoa dos Barros.

4.2.3 Centro de Padronização da Cachaça

Criada para abarcar e padronizar a produção dos alambiques locais como

ponto de arrematação dos produtos, para fins de comercialização em maior escala. Ponto de visitação do roteiro, culminância mista dos produtos onde os visitantes têm a noção conjunta do controle de qualidade e do mercado do produto.

4.2.4 Alambique do Eduardo

Alambique de cachaça cuidado pela sucessão familiar, onde os filhos também aproveitaram a idéia do roteiro turístico para comercializar produtos caseiros. Adequaram-se às visitações para dar continuidade na heranç  cultural da família.

4.2.5 Alambique do Olmiro

O alambique   heranç  de família e o proprietário cultiva as tradições de produção de cachaça. Participou do roteiro turístico como forma de agregação de renda. Localiza-se no distrito de Montenegro.

4.2.6 Alambique do Antônio

O alambique do senhor Antônio tem 20 anos de atividade, com uma produção diária de 200 litros de cachaça no verão e 70 litros no inverno. A família possui uma área própria de plantação de cana-de-açúcar.

4.2.7 Alambique do Eraldo

Organizado pela família. Existe a mais de 20 anos. Além da produção de cachaça tem a produção de artesanato.

4.2.8 Alambique da cachaça e Licores Fonte Imperial

A Cachaça e os Licores Fonte Imperial integram em seu ambiente uma produção qualificada o que os torna competitivos e participativos no mercado. Estruturado para ser um empreendimento ecologicamente sustentável, o alambique foi um dos grandes motivadores da criação da rota da cachaça e rapadura. Adequou-se para receber visitação de turista e fazer parte do roteiro, divulgando seus produtos, para a obtenção de desenvolvimento econômico.

4.2.9 Alambique Paulo Kresh

O proprietário é a terceira geração da família que mantém as atividades do alambique, produzindo cachaça e diversos licores. Adequou-se para fazer parte do roteiro, recebendo a visitação de turistas e para divulgar os produtos e desenvolver-se economicamente. Localiza-se em Palmeira do Sertão.

4.2.10 Cachaça Guarda Velha

O parque oferece entre outros atrativos, um museu onde conta toda a história da cachaça produzida do município. Desde os primeiros canaviais aos pioneiros alambiques do município. Localiza-se na sede do Município.

Roteiro da Rapadura:

4.2.11 Rapadura Santo Antônio

Integra o roteiro da Rapadura localizando-se no distrito de Miraguaia, produz derivados de cana de açúcar, como a rapadura, puxa-puxa entre outros. Fundada na década de 50 conseguiu, já nessa época, ultrapassar as fronteiras do município,

com sua produção. A empresa está voltada ao atendimento de pequenos comerciantes do município.

4.2.12 Rapadura Guimarães

Administrada pela família Guimarães, a fábrica conta com uma estrutura moderna e equipamentos avançados. Esse empreendimento está na quinta geração da família e está formada a mais de 20 anos, com expressivo crescimento no mercado brasileiro.

4.2.13 Rapadura da Colônia

O empreendimento é de administração familiar e há mais de 50 anos produz derivados de cana de açúcar, com modernas instalações. Localiza-se no distrito de Miraguaia. A marca é famosa em todo o país, sendo os produtos amplamente comercializados.

4.2.14 Rapadura da Boa

Por volta de 1970, além de rapaduras a empresa também fabricava vassouras, aproveitando a matéria-prima da região onde está instalada. Inicialmente apenas familiar, atualmente emprega diversas pessoas da localidade de Roça Grande, com expressivo crescimento na comercialização dos produtos. Como destaque, fabrica uma rapadura especial de leite, melado e amendoim.

Ao longo da Rota é possível degustar e adquirir diversos produtos coloniais: rapaduras, melados, geléias, cachaça, licores e, também o artesanato local. Além disso, os turistas têm acesso à história local, relatada pelos próprios empreendedores.

Para tanto, a Prefeitura Municipal promoveu, como forma de incentivo ao projeto, investimento na melhoria das estradas de acesso as propriedades

participantes, sinalização turística, bem como elaborou material de divulgação do roteiro turístico.

Em 2003, no ano de seu lançamento, a Rota da Cachaça e Rapadura foi um sucesso. O município recebeu muitos turistas interessados em fazer um passeio rural onde conheceriam diversos alambiques antigos e o processo de fabricação da cachaça, bebida essa tão conhecida no Brasil. Bem como conheceriam também, o processo de fabricação de rapaduras em modernas fábricas, e poderiam adquirir e degustarem desses produtos.

Depois de passado os primeiros tempos, o fluxo de turistas diminuiu, o marketing sobre a rota não foi intenso como de início e a maioria dos participantes do roteiro desistiram da atividade.

Atualmente, dos quatorze empreendimentos existentes, somente nove ainda recebem visitantes, sendo eles os seguintes:



Figura 2 – Ilustração do roteiro turístico

Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Patrulha

Roteiro da Cachaça: Alambique da Lagoa dos Barros; Produtos Caseiros e Melados Simão Gomes; (Esse empreendimento não fez parte inicialmente do roteiro, somente tempos depois se incluiu no roteiro); Alambique do Antônio; Alambique da cachaça e Licores Fonte Imperial; Cachaça Guarda Velha.

Roteiro da Rapadura: Rapadura Guimarães; Rapadura Santo Antônio; Rapadura da Colônia; Rapadura da Boa.

Os empreendimentos que estão abertos para visitação recebem um fluxo baixo de turistas mensalmente e às vezes, nenhuma visitação ao mês. Esses empreendimentos, principalmente os cinco participantes do roteiro da cachaça, já eram mais estabilizados antes mesmo da iniciativa da rota, talvez por este fator, continuaram mantendo-se estáveis após a decadência da rota.

Com isso, é possível constatar que apenas os empreendimentos maiores, que já tem comercialização de produtos em maior escala, sob outras formas, mant m-se participando da Rota da Cachaça e da Rapadura.

5. ENTRAVES PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO RURAL NA ROTA DA CACHAÇA E RAPADURA E AS POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Retomando os escritos de Zimmermann (1996), abordados no item 2.1, que tratam sobre o *Turismo rural e desenvolvimento local*, observamos que a implantação da Rota da Cachaça e da Rapadura foi precedida da qualificação profissional exigida para o trabalho no setor, apontada pelo autor.

Porém, recorrendo, novamente a obra *Diálogos do Turismo: Uma Viagem de Inclusão*, do Ministério do Turismo (2006), a qual destaca que o turismo rural, apesar da capacidade de gerar emprego, ocupação e renda, também pode ser um ramo seletivo, logo, não pode ser considerado como única forma de reerguer comunidades rurais, podemos constatar, com base nas entrevistas, que muitos empreendedores pensavam que a Rota seria a “salvação da lavoura”, gerando uma expectativa que logo foi frustrada, pois a comercialização de produtos não ocorreu como o esperado.

Retomando, também, os estudos de Zimmermann (1996), os quais definem como imprescindível os insumos ou fatores que formam o denominado *produto turístico*, que é o responsável pela capacidade da região em atrair e manter os visitantes de fora, observamos, na rota estudada, a deficiência de infra-estrutura de hospedagem do Município, para receber os visitantes.

No roteiro da Cachaça, que se distribui nas comunidades de Lagoa dos Barros, Montenegro e Palmeira do Sertão, onde os empreendimentos são nas propriedades onde moram os empreendedores, portanto de base familiar, é que se encontrou o maior número de empreendimentos desativados para a atividade turística.

No decorrer das entrevistas, percebeu-se de início que as famílias empreendedoras esperavam que a Rota fosse uma fonte de renda para eles no qual melhoraria a vida financeira destes, da noite para o dia, e que seria constante. E que essa foi à motivação maior de participarem da rota.

Eles produziam cachaça e vendiam esporadicamente as pessoas que transitavam pela comunidade, para vizinhos e para algum comércio de pequeno porte. A renda das famílias provinha dessas vendas e de pequenos cultivos familiares, também da aposentadoria de algum dos membros da família, ou da renda

de um ou outro integrante da família que trabalhava fora da propriedade.

Percebeu-se que para a maioria deles, integrar-se ao roteiro seria viver do turismo. Alguns absorveram a idéia de que não precisariam executar outras atividades.

Ressalta-se aqui que no período de instalação da rota, segundo a Secretaria Municipal de Turismo de Santo Antônio da Patrulha, foram realizadas reuniões e cursos para os participantes e até visitação a outras rotas para conhecimento sobre turismo. Todavia, os empreendedores da rota, mais especificadamente do roteiro da cachaça, criaram a imagem de que o turismo rural seria o pilar de sustentação deles.

Cabe aqui lembrar os escritos de Favero (2010) sobre as contribuições que o Turismo Rural pode beneficiar a comunidade local, abordados no item 2.1 que trata sobre o Turismo rural e desenvolvimento local:

Revitalização de regiões adormecidas; fixação do homem no campo; valorização e resgate da cultura local; preservação do patrimônio arquitetônico e do meio ambiente; recomposição das áreas degradadas; melhoria nas condições de vida da população local; melhoria da formação educacional do homem do campo; geração de empregos; melhoria da situação da mulher; valorização dos produtos locais; promover um estreitamento nas relações estabelecidas entre o campo e a cidade; aumento das receitas nos municípios. (FAVERO, apud SOUZA e KLEIN, 2010, p.2).

Ou seja, o Turismo rural não pode ser visto somente como a “salvação da lavoura” para a comunidade e seus atores sociais. O turismo rural é uma complementação de renda para a propriedade que já executa suas atividades diárias e sua sustentação, e pode contribuir com o desenvolvimento social, cultural e de melhorias nas condições de vida da população da comunidade sob vários aspectos, conforme os escritos de Fávero (2010). O Turismo rural contribui na valorização das comunidades e atores rurais, trazendo geração de emprego, diversificação de renda, melhorias de estruturas, promove as relações sociais, a revitalização das comunidades, à motivação por exercitar a cultura local entre outros.

O que se viu na Rota da Cachaça e Rapadura, era que os empreendedores só observaram o retorno financeiro da atividade turística rural. Eles esperavam um retorno imediato e seguro do investimento que fizeram. Não observaram que outros aspectos da vida local, que poderia melhorar e que seria tão recompensador quanto o retorno financeiro.

Talvez a falta de um gestor que trabalhasse sob esse enfoque com a comunidade em geral e com os empreendedores, pudesse ter evitado o fechamento, logo no início, de alguns empreendimentos. Cabe lembrar os escritos de Udenai; Novaes e Lavratti, (2006, p.206), já discutido no item 2. 1: *É importante ressaltar que é necessário trabalhar com motivação e envolvimento da comunidade, a fim de sensibilizá-la sobre os benefícios do turismo rural (...).*

A comunidade deve estar preparada para absorver a atividade turística bem como entender os benefícios que poderá trazer para suas vidas, não almejando unicamente um retorno financeiro, mas também o bem estar social das famílias, um melhor entrosamento da comunidade, uma maior ascensão social e cultural, melhores condições de infra-estrutura.

O turismo pode ser uma alavanca para erguer comunidades e empreendimentos. Porém, o efeito do turismo rural não se dá de forma igual em todos os espaços e comunidades que é implantado.

Essa fase de assimilação e compreensão dos efeitos e impactos que o turismo traz deve ter seu período preparatório, junto aos empreendedores, na fase do planejamento.

Outro entrave percebido foi à falta de empreendedorismo. Os empreendedores estavam preparados para melhorar de condições de vida, porém não estavam preparados para desenvolver um perfil empreendedor, uma visão de futuro. Faltava-lhes a identidade cultural desse perfil empreendedor, que se traz pela herança do modo de vida, ou se adquire levado pelas perspectivas e motivações pessoais.

Esse pode ser uma questão de cultura local, embora tenha ocorrido o preparo dos empreendedores, não é da cultura destes, e tampouco da comunidade onde se inserem receber turistas. Logo, o acolhimento aos visitantes talvez tenha restado prejudicado, pela falta de perfil empreendedor e turístico para o negócio. Muitos deles, não tinham uma organização interna na propriedade, não tinham hábitos de limpeza e higiene necessárias ao atendimento ao turista, pois não estavam acostumados a estarem sempre prontos a receber visitas.

É necessário entender que,

(...) para que uma propriedade participe do processo de desenvolvimento turístico é importante que os responsáveis estejam de acordo com as diretrizes do processo e com as ações necessárias para o seu

desenvolvimento. (UDENAI; NOVAES; LAVRATTI, 2006, p. 206).

Durante as entrevistas percebeu-se que alguns dos empreendedores somente se preocuparam em aumentar sua produção para que aumentasse sua renda com a vinda dos turistas. Que não se adaptaram ao processo integral de recepção ao turista, ou seja, não preparavam o ambiente nem a si próprios adequadamente para que o turista que visitasse a propriedade adquirisse seus produtos, voltasse mais vezes e ainda divulgasse seus empreendimentos. A falta de perfil empreendedor prejudicou a visita turística na maioria dos estabelecimentos.

A baixa comercialização dos produtos foi também um grande problema. Segundo um dos entrevistados, os visitantes adquiriam muito pouco produto. Ressalta que “a maioria dos visitantes degustava dos produtos, mas adquiriam muito pouco e às vezes quase nada”, não trazendo dessa forma, o lucro por eles esperado.

Ademais, como os empreendimentos oferecem produtos parecidos ou similares, o roteiro acaba por tornar-se monótono aos olhos dos visitantes, que acabam não adquirindo produtos em todos os estabelecimentos comerciais, pois não há variedades, deixando assim, muitos empreendedores sem o retorno esperado.

De acordo com as entrevistas realizadas, percebemos que um dos entraves para o bom desenvolvimento da Rota da cachaça e da Rapadura foi a pouca comercialização dos produtos, o que levou, segundo os empreendedores, a desistência em participar do roteiro turístico, pois esperam resultados imediatos. Também, foi apontado por um dos entrevistados que, “a cachaça não é um produto que uma pessoa compre quantidade, então compravam uma só garrafa e nos outros empreendimentos não comprava nada mais”.

A baixa comercialização dos produtos foi uma desmotivação para os empreendedores que esperavam que o turismo rural, vindo através da Rota da Cachaça e Rapadura, traria para eles desenvolvimento econômico, que através das entrevistas, percebeu-se ser o objetivo maior deles em participar do roteiro.

Analisa-se que a falta de preocupação com a demanda específica para os produtos ajudou nessa baixa comercialização. Um público alvo, que deve ser trabalhado através de uma estratégia de marketing direcionada, auxilia na movimentação da comercialização.

Alguns dos entrevistados também apontaram á falta de visão do poder

público sobre a importância que o roteiro deveria ter. Um dos empreendedores do roteiro diz que, “[...] os benefícios da Rota para a comunidade foram muito poucos, pois a progressiva decadência da mesma fez com se perdesse o marketing que surgiu quando de sua criação, pois o objetivo inicial de recuperar a tradição da produção da Cachaça e Rapadura foi conseguido, mas a falta de apoio oficial não permitiu que o projeto progredisse”.

Retomam-se aqui, a importância da gestão local, do apoio da administração pública, do incentivo às comunidades rurais, da falta de políticas públicas voltadas as demandas de cada comunidade ou região.

O mesmo entrevistado cita ainda que na fase da implantação do roteiro “faltou visão ou cultura turística dos empreendedores”, e que também os gastos para com as melhorias dos alambiques deixou os empreendedores com dívidas sem que fossem retribuídos através da comercialização de seus produtos com o turismo. E que na fase de consolidação do projeto, faltou o apoio dos órgãos públicos, o que segundo ele, foi o grande problema da continuação da rota.

Cabe aqui salientar que não houve um gestor, ou uma associação, ou um grupo organizado que fizesse a articulação, e a verificação contínua do andamento da Rota.

A construção da rota foi organizada e planejada pelo órgão administrativo em parceria com o SEBRAE, mas após seu lançamento não houve mais um acompanhamento, uma ouvidora junto aos empreendedores e até mesmo uma pesquisa entre a comunidade, os turistas, para o monitoramento do progresso da rota.

Quando os primeiros empreendimentos abandonaram a atividade por não terem retorno do esperado, outros tantos fecharam para visitação também. Segundo alguns entrevistados, as expectativas quando do planejamento da rota eram as melhores possíveis, pois na época do lançamento do roteiro a produção de cachaça estava em alta, no âmbito nacional, isto apontava que uma Rota turística numa das regiões mais produtoras da cachaça seria um sucesso. O que os empreendedores não contavam que a comercialização dos produtos através da visitação turística seria muito pequena.

Alguns empreendimentos que além da produção dos alambiques, agregaram outros produtos de origem colonial como as vendas de doces em compotas, chimias, pães, muitas vezes produziam à espera dos visitantes pré-agendados e, estes de

última hora desistiam da visitação, fazendo com que os produtos perdessem a validade e os proprietários perdessem, não só o lucro, como o custo do produto.

Por outro lado, no roteiro da Rapadura, que se distribui na localidade de Costa da Miraguaia, constituído por quatro grandes fábricas de rapaduras, há bastante tempo já no ramo comercial, não apontaram problemas quanto à comercialização dos produtos. Segundo um dos proprietários entrevistados ressalta que “nossos produtos já eram bastante conhecidos pelo lançamento da rota, então não tivemos problemas quanto a isso”.

Também, aos empreendedores da rapadura não faltou perfil empreendedor. Para eles, o turismo rural, articulado através da rota, não diferenciou suas rotinas, uma vez que já era de costume receberem visitantes a qualquer época. Também não tiveram problemas de comercialização, mas continuam fazendo parte do roteiro recebendo turistas, como divulgação e marketing empresarial.

Reclamam também, da falta de apoio e incentivo dos órgãos administrativos quanto à estrutura como estradas, sinalização e iluminação pública dos acessos que levam aos seus empreendimentos, dificultando, dessa forma, um maior fluxo de turistas na localidade. Tanta insatisfação com o órgão gestor do município, que esta comunidade junto com os grandes empresários locais formularam projeto de emancipação desta localidade junto ao governo estadual.

O roteiro da rapadura foi agregado a Rota pela tradição do município na produção de cachaça e rapadura, portanto completaria os objetivos de lançamento de uma rota turística que resgatasse a centenária tradição da produção e trouxesse a este um marketing de projeção do município.

Os quatro empreendimentos do roteiro da rapadura continuam na atividade de receber turistas.

Outro fator de entrave que é necessário levar em consideração refere-se à falta de gestão continuada, por parte do órgão gestor do turismo local, bem como a falta de revisão sobre o planejamento do roteiro, para sanar possíveis problemas de constituição, com vistas a novas articulações para possibilitar a continuidade e o sucesso da Rota.

Fazendo um apontamento sobre as entrevistas aos empreendedores, onde na questão que se refere a dar uma nota de 0 (zero) a 10 (dez) nos quesitos principais da constituição da Rota(ver questões em anexo),verificou-se que as notas foram muito baixas, não passando em nenhum quesito da nota 6(seis),

principalmente nas entrevistas aos empreendedores do roteiro da Cachaça. No roteiro da Rapadura, quesitos como perfil empreendedor ganhou nota 10, por outro lado a atuação do poder público ganhou nota mínima. Os entrevistados tangeram comentários semelhantes ao darem as notas nessa questão da entrevista, no sentido de que alguns quesitos teriam notas diferentes se pensadas do início no lançamento da Rota, e mais tarde durante sua continuidade, como por exemplo, a atuação do poder público, que teve intenso foco na Rota, quando do seu lançamento, e demasia despreocupação na sua continuidade. Mas, como o mais marcante para eles, como se pode observar foi o que restou. Analisando as entrevistas, percebe-se que se a gestão do roteiro fosse permanente, fosse a Rota assistida pelo poder público, a percepção dos entraves teria ocorrido logo de início, sendo possível tratá-los ou contorná-los.

Aqui, cabe rever os apontamentos do Ministério do Turismo, no que cabe a organização do Turismo Rural. Segundo sua concepção, ele deve ser: “de iniciativa local; de gestão local; de impacto local; marcado pelas paisagens locais; valorizador da cultura local. (BRASIL, 2008, p.35)”.

Verifica-se, dessa forma, que os entraves até então expostos, contrapõem as tratativas sobre organização do turismo rural, no que diz respeito à Rota da Cachaça e Rapadura. Sua organização bem como sua avaliação e acompanhamento, devem ser marcados de iniciativa, gestão e impacto local.

Cabe lembrar as reflexões de Souza & Klein (2010) no que se refere ao planejamento do turismo:

O planejamento reveste-se de alta relevância para as comunidades rurais uma vez que os recursos físicos, humanos e financeiros são muito escassos e as comunidades necessitam focalizar em estabelecer estratégias de planejamento adequadas à situação local. (SOUZA & KLEIN, 2010, p.1).

Podemos considerar, com base no acima exposto, que não houve o satisfatório estabelecimento de estratégias de planejamento e, especialmente de gestão, para o desenvolvimento turístico rural, de forma adequada à situação local, conforme sugerido no item 2.2, do presente trabalho, que aborda a questão referente ao *Planejamento para o turismo rural*.

Ainda é importante referir que, inicialmente, houve grande investimento e divulgação, inclusive com a participação de agências de viagens, que ofertavam pacotes para a Rota, propagandas televisivas, folders, entre outros materiais. Mas,

infelizmente, com o transcorrer do tempo houve a diminuição da divulgação que, atualmente, praticamente inexistente. Segundo relatos de alguns empreendedores, a demanda é maior em épocas específicas e, portanto, é necessária uma divulgação mais intensificada, bem como a recolocação de indicativos de sinalização, pois turistas novos e antigos clientes vêm reclamando da falta de placas indicativas.

Deve-se mencionar ainda, que atualmente existem grandes dificuldades de acesso aos empreendimentos, não só em virtude da falta de sinalização, mas também em virtude da má conservação das estradas. Cabe mencionar que os estabelecimentos que estão abertos para visita são os que antes da rota já vendiam em maior escala para outros setores e a atividade turística complementa seu desenvolvimento, não sendo essa o recurso de sua sobrevivência.

Outro ponto de entrave, já apontado pelos empreendedores e ratificado pela Coordenadora de Turismo do município de Santo Antonio da Patrulha é a baixa frequência de turistas, pelos motivos já elencados, pois o fluxo não é diário, o que leva os pequenos empreendedores a desanimarem, pois muitas vezes os produtos perdem o prazo de validade.

Feita essa análise, podemos destacar, de forma resumida, que um dos maiores entraves para o desenvolvimento do turismo na Rota da Cachaça e da Rapadura é a falta de continuidade de gestão, o que é comprovado pela falta da continuidade da divulgação, da conservação das estradas de acesso e do adequado acompanhamento aos empreendedores, para fomentar novos atrativos para os negócios.

Podemos classificar, dessa forma, que os entraves levantados são entraves ligados à cultura local, à falta de políticas públicas, entraves de gestão administrativa, entraves de comercialização e entraves ligados à falta de perfil empreendedor.

Logo, passaremos a tratar das possíveis soluções para os entraves apontados.

5.1 Possíveis soluções para os entraves

Diante do que foi abordado ao longo do presente trabalho, é possível considerar que o primeiro passo para a reestruturação da Rota da Cachaça e da

Rapadura deve partir do Gestor Público Municipal, por meio do competente órgão de turismo, para avaliar os problemas existentes e tentar rearticular parcerias, como as que ocorreram para a implantação do roteiro, como SEBRAE e EMATER, bem como com outros organismos que tenham afinidade com a área. Desse modo, será seguido o preconizado por Vieira (2004), sendo oportuno retomar seus conceitos:

O turismo, quando planejado, é uma atividade democrática, pois beneficia tanto o grande empresário quanto vendedor ambulante, traz benefícios econômicos a localidade, gera melhoria da qualidade de vida da população, resgata a cultura local, preserva os patrimônios locais, aumenta a oferta de empregos, incentiva a produção de outros setores. Para isso é necessário que o turismo aconteça partindo de um planejamento prévio, buscando o desenvolvimento sustentável e a participação da comunidade que será envolvida no processo. (VIEIRA, 2004, p.2).

Para tanto, também devem ser ouvidos os empreendedores participantes da Rota, que já tem experiências boas e ruins, para auxiliarem no apontamento dos problemas, bem como no levantamento de soluções adequadas.

Além disso, o gestor deverá promover, primeiramente, atividades para qualificação não só dos empreendedores, mas agregando, também, a comunidade local, onde estão instalados os empreendimentos, para receberem adequadamente os turistas, com motivação. Também é primordial deixar os empreendedores cientes de que o turismo deve ser encarado como um complemento a renda e não como única fonte econômica.

Isso vai ao encontro do que foi estudado no item 2.1: Turismo rural e desenvolvimento local e é pertinente retomar a seguinte citação teórica:

É importante ressaltar que é necessário trabalhar com motivação e envolvimento da comunidade, a fim de sensibilizá-la sobre os benefícios do turismo rural. Sendo assim, para que uma propriedade participe do processo de desenvolvimento turístico é importante que os responsáveis estejam de acordo com as diretrizes do processo e com as ações necessárias para o seu desenvolvimento. (UDENAL; NOVAES; LAVRATTI, 2006, p.206).

Terminada esta etapa, é imprescindível efetuar a melhoria nas estradas, a adequada sinalização turística para, em seguida realizar a ampla divulgação da rota, nos diversos tipos de mídia. É importantíssimo também, a parceria e o contato com agências de turismo, que disponham de guias devidamente preparados, para ofertarem aos turistas, pacotes de visitação a Rota.

Outro fator que merece destaque é a baixa comercialização dos produtos, que pode ocorrer pela pouca diversidade, pois se trata, especialmente, de rapadura e cachaça, com seus derivados, embora sejam incluídos artesanato e outras variedades gastronômicas. Talvez fosse necessário, após uma análise mais aprofundada, incrementar os empreendimentos da Rota com a disponibilização de outros tipos de produtos ou com o oferecimento de alguma atividade própria da área rural.

Verificou-se pela descrição dos empreendimentos que todos eram semelhantes, e para o turista visitante que já viu um ou dois, já viu todos, pois a maioria fabrica somente um produto, a cachaça, e os alambiques são todos iguais. Esse grande número de empreendimentos semelhantes se torna cansativo, prejudicando de alguma forma a constante visitação.

Promovendo essas medidas, a Rota da Cachaça e da Rapadura tem a possibilidade de ser reestruturada e voltar a ser visitada como no início.

6. CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho pode-se perceber, primeiramente, a importância do planejamento e da gestão para o desenvolvimento do turismo rural.

Em relação aos objetivos dessa pesquisa, cabe ressaltar que estes foram satisfatoriamente alcançados. Através da coleta de dados realizados com os empreendedores do roteiro, foi possível apontar, descrever e analisar os entraves do desenvolvimento do turismo rural na Rota da Cachaça e Rapadura. Vale ressaltar o quanto foi importante à pesquisa sob a ótica dos empreendedores para que fosse possível compreender a importância de se fazer um diagnóstico de todos os fatores que envolvem o planejamento de qualquer projeto que se pretenda executar.

Especificamente com referência a Rota da Cachaça e da Rapadura, que foi o foco de pesquisa, constata-se que no início das atividades teve sucesso, inclusive pelo seu lançamento, que ocorreu concomitantemente com a realização da então Festa Nacional da Cachaça e da Rapadura, em Santo Antônio da Patrulha, RS, hoje denominada Feira Nacional da Cana-de-Açúcar, Rapadura e do Arroz. Outro fator favorável ao desenvolvimento da Rota é a localização do Município e a tradição da Cachaça e da Rapadura.

Cabe destacar que a Rota foi uma excelente oportunidade para alguns empreendedores, os quais conseguiram divulgar seus produtos, promovendo a marca de seus empreendimentos. Infelizmente, com o passar do tempo a Rota foi sendo esquecida e pouco fomentada. A procura, conseqüentemente diminuiu e muitos dos empreendedores participantes acabaram desistindo, permanecendo somente os de maior porte.

Tomando por referência as entrevistas realizadas, constata-se que os empreendedores apontam a falta de continuidade do incentivo do Poder Público Municipal e a falta de união entre os empreendedores como fator de enfraquecimento da Rota. Também apontam à baixa comercialização dos produtos, o que esperavam ser uma alavanca econômica, não teve sucesso.

Outro fator que merece destaque é a falta de familiaridade com a atividade, pois as pessoas não estão preparadas para receber os visitantes, não é da cultura dos empreendedores e da comunidade esse perfil empreendedor, não havendo também uma boa estrutura de receptividade.

Percebe-se, dessa forma, que essa identificação da cultura local é um processo que cabe lá na fase do planejamento. Fazer um diagnóstico da realidade local onde se pretende inserir algo novo, tomar conhecimento da cultura, hábitos, costumes locais é imprescindível.

Quando a pesquisa do SEBRAE apontou a vocação turística do município para a geração do turismo rural, e que este teria ênfase nos alambiques de produção de Cachaça que há mais de dois séculos essa cultura passa de pai para filho, ressalta-se que não foi abordado no diagnóstico, a cultura local dos habitantes, o que é essencial para o planejamento e desenvolvimento de todo e qualquer projeto ou ação que se pretende aplicar. Questões culturais são determinantes no desenvolvimento local, valores e hábitos não são fáceis de mudar.

Talvez, a análise do perfil turístico da região tenha sido somente sob a ótica do turismo. Faltou um diagnóstico, de profissionais na área de desenvolvimento rural, para que conjuntamente com os profissionais do turismo realizassem um projeto por inteiro, atendendo turismo e desenvolvimento rural numa só integração.

Dentre os diversos fatores de negativos da Rota, pode-se destacar, principalmente, a ansiedade dos empreendedores em receber retorno imediato, o que levou ao desânimo com os empreendimentos. Portanto, resta possível concluir que a baixa visitação à Rota da Cachaça e da Rapadura ocorre, principalmente, devido à inadequada divulgação, falta de uma gestão continuada e articuladora, e pelos problemas na comercialização dos produtos e na receptividade aos visitantes.

Compreende-se que a Rota da Cachaça e Rapadura foi um investimento de marketing para o município como forma de atrair fluxo de visitantes, o qual geraria a movimentação socioeconômica do município, o que realmente aconteceu nos primeiros tempos. Avalia-se que se o poder público tivesse realizado um monitoramento constante, apoiando, incentivando e revendo os percalços que estavam ocorrendo, poderia ser verificada uma forma de contornar os problemas ou fazer novas adaptações para que melhorasse o desenvolvimento da Rota.

Percebeu-se que a Rota da Cachaça e Rapadura proporcionou ao município uma projeção política, administrativa e de marketing, mas para a comunidade rural onde na prática foi inserido esse vetor não ocasionou um resultado de desenvolvimento socioeconômico, o que deveria ser parte das aspirações do município, ou seja: reerguer e desenvolver comunidades rurais.

Diante da análise realizada, é importante destacar que é necessário um

conjunto articulado de ações, devidamente planejadas e geridas, conforme já exposto nas possíveis soluções para os entraves da Rota da Cachaça e da Rapadura, a fim de reorganizá-la. Para tanto, verifica-se a necessidade de estudos futuros, para dar seqüência a atividade de Turismo Rural em Santo Antônio da Patrulha.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. A. **Pesquisa em Extensão Rural: um Manual de Metodologia**. Brasília: ABEAS, 1989.

ALMEIDA, Joaquim Anécio e RIEDL, Mário. **Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru: EDUSC, 2000.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Diálogos do Turismo: Uma Viagem de Inclusão**. Brasília, 2006. Disponível em <www.turismo.gov.br>. Acesso em 20 dez. 2010.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil**. Brasília, 2003.

BRASIL, Ministério do Turismo, Turismo Rural: **Orientações Básicas**. Brasília, 2008. Disponível em <www.turismo.gov.br>. Acesso em 21 set. 2010.

Catálogo de Divulgação Turística produzido pela Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Patrulha.

FAVERO, I.M.R. (2010). In. **Manual Didático, Derad 25, Turismo Rural**. Curso de Graduação Tecnológica de Planejamento e Gestão Rural..Capítulo 4:Turismo Rural.UFRGS.Ano 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

Instituto Brasileiro de Economia e Estatística (IBGE). **Dados Censitários**. Disponível em<www.ibge.gov.br/cdadesat>. Acesso em 15 jan. 2011.

JÚNIOR, A.B.C.T. NITSCHKE, L.B. SZCHUMAN, T.**Turismo Rural e desenvolvimento Local:Um estudo de Caso Em são José Dos Pinhais/PR** In. Anais do V CITRUDES_CONGRESSO Internacional sobre Turismo rural e desenvolvimento sustentável (2006)

LONG, P.T. NUCKOLES, J.S. (1994). In. **Manual didático, Derad 25, Turismo Rural**. Curso de Graduação Tecnológica de Planejamento e Gestão Rural. Capítulo 4: Turismo Rural. UFRGS. ANO 2010.

Manual didático, Derad 25, Turismo Rural. Curso de Graduação Tecnológica de Planejamento e Gestão Rural. Capítulo 5: Turismo Rural. UFRGS. ANO 2010.

Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Patrulha. Disponível em <http://www.santoantoniopatrulha.rs.gov.br/prefeitura/>. Acessado em: 17 dez. 2010.

SILVA, Graziano, *et AL*. **Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil**. 1998

TULIK, Olga. Turismo e Desenvolvimento no espaço Rural: Abordagens Conceituais e Tipologias. In. SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino (orgs.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Editora Manole Ltda., 2010.

UDENAI, A.P.Z. NOVAES, M.H. LAVRATTI, O.M. **Instrumentos de Sensibilização para Implantação de turismo Rural na Agricultura Familiar no Estado do Paraná**. In. Anais do V CITRUDES_Congresso Internacional sobre Turismo rural e desenvolvimento sustentável(2006)

VIEIRA, Daniella de Deus. **Turismo como alternativa de desenvolvimento para o meio rural**. Revista Turismo. 2004. Disponível em: <<http://www.revistaturismo.com.br/artigos/artigos.htm>> Acesso em: 21 set. 2010.

VIEIRA, E.M. Carta de Joinvile (2004). In.ALMEIDA, Joaquim Anécio e SOUZA, Marcelino de (orgs.). **Turismo Rural: Patrimônio, cultura e legislação**. Santa Maria: FACOS/UFSM, 2006.

ZIMERMANN, Adônis. **Turismo Rural um modelo brasileiro**. Disponível em: < <http://www.zimmermann.com.br/livro.htm>>

ANEXOS

APÊNDICE A**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Data da entrevista: ____ / ____ / ____

Dados gerais do empreendimento

Nome do entrevistado: _____

Nome do empreendimento: _____

Localidade: _____

Contato (telefone e e-mail): _____

Informações sobre a constituição e os benefícios da rota turística

1. Quando e quem iniciou a Rota da Cachaça e Rapadura?
2. Qual foi o objetivo da criação de uma rota turística rural em Santo Antônio da Patrulha/RS?
3. Quando a Rota da Cachaça e Rapadura foi lançada quais eram suas expectativas?
4. Quem planejou a Rota?
5. Foi feito um diagnóstico inicial para o planejamento da Rota?
6. Quais foram os benefícios (sociais e econômicos) que a rota turística trouxe para os empreendedores?
7. Quais foram os benefícios (sociais e econômicos) que a rota turística trouxe para a comunidade local?

Informações sobre os entraves/dificuldades da rota turística

8. Em sua opinião quais foram os entraves (e/ou dificuldades) no processo de **implantação** da rota da Cachaça e Rapadura?
9. Em sua opinião quais foram os entraves (e/ou dificuldades) no processo de

consolidação da rota da Cachaça e Rapadura?

10. Atribua uma nota para os elementos de desenvolvimento da rota turística?

(0 = insuficiente/forte entrave; 10 = excelente/ não se caracterizam como entrave)

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Planejamento do roteiro											
Organização e planejamento interno da propriedade											
Atuação do poder público											
Envolvimento e participação da comunidade											
Gestão do roteiro											
Adequação às legislações (trabalhistas, sanitárias e ambientais).											
Capacitação de recursos humanos											
Perfil empreendedor											
Infra-estrutura (estradas, sinalizações, etc.)											
Divulgação dos empreendimentos e do roteiro de turismo											

11. Em sua opinião a Rota da Cachaça e da Rapadura vem atendendo as expectativas iniciais dos empreendedores e da comunidade? Caso a resposta seja negativa, em quais aspectos deve ser melhorada?